

Resenha

Um percurso na história juvenil

A journey through youth history

LE BRETON, D. 2013. *Une brève histoire de l'Adolescence*. Paris, JC Béhar, 138 p.

Bárbara Nascimento Duarte¹
duarte.n.barbara@gmail.com

David Le Breton é referência importante nas ciências sociais. Autor de uma extensa obra sobre antropologia e sociologia do corpo publicada em diversas línguas, ele é reconhecido como um dos maiores especialistas em estudos de corporeidade, dor, sofrimento, comportamentos extremos e de risco entre os jovens. Esta resenha refere-se à obra "Uma breve história da adolescência", publicada em 2013 na França pela editora JC Béhar. Le Breton faz uma incursão no entrelaçamento entre ritos, educação e maturidade social, trazendo argumentos sólidos sobre a articulação das transformações culturais e coletivas com a transmissão das responsabilidades sociais aos jovens. A tese essencial de David Le Breton sustenta que para se tornar um homem ou uma mulher na contemporaneidade a ritualização tem sido abandonada, cabendo a cada indivíduo traçar o próprio caminho para tal conquista. O livro comentado nesta resenha, ainda não disponível em português, é leitura obrigatória aos que se interessam em investigar e compreender a juventude bem como sua transformação cultural e social conhecida ao longo da história.

O primeiro capítulo, intitulado "O crescimento", introduz a adolescência como o período intermediário entre a infância e a maturidade social. Este é capaz de conceder ao jovem em determinadas sociedades um estatuto específico em matéria de sexualidade e engajamento no seio comunitário. Avançando alguns argumentos que serão trabalhados ao longo do livro, ele defende que embora para alguns pesquisadores a adolescência seja o período de abertura para a juventude, no mundo contemporâneo tal cronologia de idade não é mais pertinente. Por duas razões: por um lado, a adolescência surge precocemente e, por outro, o comportamento que seria relativo aos adolescentes se prolonga aos jovens trintenários.

No capítulo II, "Rito de iniciação das sociedades tradicionais", David Le Breton ressalta a falta de ritos/eventos para simbolizar a passagem complexa entre o mundo da infância e os novos significados e responsabilidades que são apresentados aos jovens adultos. O autor assinala que as sociedades tradicionais instituem ritos de passagem, eliminando o período de margem que caracteriza, em nossas sociedades, a transição adolescente. Nestes, os auspiciosos seniores da comunidade transmitem o saber àqueles que irão aceder à posição de homens e mulheres, inscrevendo-os coerentemente dentro de um número limitado de papéis sociais que definem a identidade social e de gênero. Essas transformações

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora. Rua José Lourenço Kelmer, s/n, Campus Universitário, 36036-900, Juiz de Fora, MG, Brasil. Université de Strasbourg. Rua René Descarte, 22, 67000, Strasbourg, Alsácia, França.

que ocorrem no contexto ritual incluem marcações corporais – signo do novo estatuto– e dor – empregada como vetor de metamorfose.

No terceiro capítulo, denominado “Adolescências”, o autor versa sobre a questão adolescente na Grécia e em Roma, que assumia configurações distintas. Na Grécia, a educação estava no coração da organização social. Através da hierarquização educacional, o crescimento incluía o treinamento para a guerra. Os anciãos eram educadores dos mais jovens através da homossexualidade – núcleo do dispositivo – etapa necessária para a idade de homem. A passagem à idade adulta era razão de ritos de passagem que consistiam basicamente no distanciamento da comunidade através do rapto pelos amantes, nos exercícios militares e/ou na preservação das fronteiras territoriais. Quanto às mulheres, estas possuíam papéis submissos e existiam somente enquanto esposas e mães.

Foram os romanos que definiram o termo *adulescentia*, que significa “crescimento” e era usado para abranger meninos e meninas entre 15 e 30 anos. O prolongamento da adolescência se justificava pelo poder do *patria potestas* em Roma, que conferia ao pai o poder sob seus filhos até sua própria morte e assim evitava qualquer revolta contra o líder da família. O autor afirma que existiam ritos intermediários que marcavam o avanço da idade. Para as meninas, o rito de passagem para a idade de mulher ocorria principalmente no momento da relação sexual com o marido.

Uma ampla parte do capítulo IV, “Emancipação”, é dedicada à estreita relação entre a formação escolar, criação de escolas técnicas e superiores e a formatação da juventude. Durante a Revolução Francesa, o engajamento da juventude urbana os emancipou simbolicamente como classe de idade, pois o jovem passou a ser percebido como um cidadão com poderes. Inclusive, inquietudes foram geradas em relação ao emprego do tempo destes jovens, principalmente diante do contexto de mutação social francês. Nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, surge a expressão ideal dessa *youth culture* que impunha seus gostos ao conjunto da sociedade, aumentando sua influência que se expandia inclusive aos países europeus. A relação estabelecida entre pais-filhos, alunos-professores foi substituída pela associação entre os pares.

No capítulo V, “Adolescência líquida”, o autor salienta que a adolescência é impregnada de significações múltiplas, resultado das transformações sociais e culturais. De sua fragmentação surgiu a pré-adolescência, que traduz a saída precoce do universo simbólico da infância. Em 1990, o marketing essencializou esse fenômeno criando o termo *tween* para abranger meninas entre oito e doze anos. A tentativa consiste em convencê-las que já são mulheres, portanto devem responder aos imperativos da beleza, magreza, sedução e moda. Enquanto isso, em outros lugares, meninas por volta dos doze anos vivem uma sexualidade regular, e os rapazes da mesma idade possuem atrás deles uma carreira de delinquência bem-sucedida. Paradoxalmente, do lado oposto estão os jovens que possuem ainda uma atitude juvenil. Experimentando

a síndrome de Peter Pan, cuja alegoria consiste na persistência da postura juvenil e o culto ao “eu”, esse fenômeno expõe a dificuldade encontrada pelos jovens de “entrar na vida”.

No capítulo VI, “Vertigens familiares”, Le Breton afirma que essa transição para a vida juvenil constitui o período de abertura ao outro. Nessa etapa, o jovem se estabelece em seu mundo enquanto parceiro do mundo alheio. Sobre a individualização do vínculo social da sociedade contemporânea, o autor acredita ter contribuído para a desinstitucionalização da família, até então célula elementar da sociedade. Além da relação de igualdade e proximidade que passou a existir dentro desta, as famílias não se inscrevem mais na longa duração. Ela carrega marcas da precariedade: recusa ao casamento, aumento de divórcios e recomposições familiares. Além disso, diante do estatuto contemporâneo da criança na sociedade, esta se torna uma parceira, e não mais um indivíduo sobre quem se deve exercer uma função de autoridade e de guia. Ela se torna um fruto de si mesmo.

No capítulo VII, alcunhado “Consumismo”, há uma discussão sobre o mundo inédito no qual estão inseridos os adolescentes. A realidade aponta para pais que perderam a autoridade educativa; uma escola que perdeu o direito e a capacidade de direcionar o indivíduo concernente às regras de cidadão; jovens gerações que são deixadas sob a influência de uma cultura regida pelo consumismo e pela publicidade, e onde os outros significativos são os modelos de sucesso midiático. Le Breton tece uma crítica ao benefício narcísico que os pais encontram em detrimento da orientação dos filhos e a individualização da relação com o mundo. Nesse contexto, uma grande fase de espera e de incerteza permanece entre a adolescência e a maturidade social, pois o futuro é uma incerteza, desde as relações amorosas, familiares, ao trabalho e à obsolescência das tecnologias.

Uma ampla parte do capítulo VIII, intitulado “A via do risco”, é dedicada às atividades extremas entre as jovens gerações. São colocadas em cena as condutas de risco, tópico sobre o qual Le Breton já tratou mais profundamente em outras obras. Esta reúne uma série de comportamentos dispare e extremos (inscritos na duração ou circunstanciais) que colocam simbolicamente e fisicamente a existência em perigo, fornecendo ao indivíduo a possibilidade de reapropriar o sentido de sua própria vida. O recurso ao corpo e ao risco é uma tentativa de escapar à impotência, superar os dilemas, os questionamentos, a dificuldade de se pensar e de se projetar no futuro.

Para finalizar, no capítulo IX, “Transmitir”, que também é a conclusão, David Le Breton aponta para uma eventual mudança diante do panorama atual que ele acredita ser no mínimo inquietador. Se a transmissão do ensinamento for assumida com responsabilidade, é possível introduzir o adolescente em sua singularidade no seio da sociedade. E o autor faz um alerta com base nas pesquisas já realizadas com a juventude. Se os pais não estão à altura de oferecer o amor e presença na educação de seus filhos, estes irão se desenvolver através do sofrimento e da falta de si, e sua orientação

vis-à-vis do mundo se fragilizará. É digna de nota a reflexão do autor: "liberdade sem estrutura para se desenvolver é um abismo" (p. 129).

Os casos apresentados no livro são uma bela amostra da grande diversidade de situações ambivalentes relacionadas à experiência juvenil na contemporaneidade. Ninguém melhor

do que David Le Breton cuja fineza de análise deixa claro que a adolescência é comparável a todo período limiar, cheia de provas difíceis a ritualizar. Essa obra pode ser lida com paixão, pois retrata de forma sensível um caminho histórico e traz discussões inovadoras sobre a sociedade contemporânea no campo sociológico e antropológico.